

UM CASAL MEMORÁVEL

Não tenho a menor idéia de qual tenha sido a razão pela qual eu, e meus irmãos Márcia e Juko, sempre chamamos nossos pais, à maneira portuguesa, de “o Pai” e “a Mãe”; mas o resultado mais pitoresco disso é que primos e amigos passaram a ter dois pares de pais, “Papai” e “Mamãe” eram os seus, e “o Pai” e “a Mãe” eram os nossos. Durante a infância, é claro, ninguém se dá conta de tudo o que a pura convivência vai-nos fazendo assimilar de pais interessantes e interessados, de antenas ligadas para o mundo à sua volta, e de conversa sobre toda espécie de assunto. E eu fui privilegiada sob esse aspecto, já que a Mãe era Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, e o Pai era Marcos Carneiro de Mendonça.

A história da Mãe é fascinante: carioca, muito pequena foi levada para o interior de Minas Gerais, onde seu pai engenheiro foi realizar seu sonho de criar uma usina siderúrgica, naquele mundo farto em minério de ferro que era Itabirito. A Usina Esperança nasceu, mas as duas filhas mais velhas de José Joaquim e Laura Queiroz jamais puseram o pé em uma escola, sendo educadas por governantes (espécie hoje extinta), talvez com um pouco de ciências de menos, mas certamente com grande fartura de línguas, história e literatura. Poeta nata, publicou seu primeiro livro de poesias aos catorze anos; aos quinze voltou a família para o Rio (muito doente o pai, a usina teve de ficar com sócios dele).

Seu destino, de certo modo, já estava marcado: o “foot-ball” acabava de ser introduzido no Brasil e Anna Amélia, lendo as regras em um livro inglês, ensinou o novo esporte a operários da usina. Chegada ao Rio, foi logo a frequentar jogos de futebol, onde primeiro apreciou de longe, e logo foi apresentada a, um jovem mineiro que cresceu no Rio e jogava no gol. Naquele primeiro momento jogava no América, mas viria a ser realmente consagrado como “o Marcos do Fluminense”. Era estudante de engenharia, porém jamais concluiu o curso, pois começou cedo a trabalhar. Casaram-se em 1917, o primeiro ano do primeiro tricampeonato do clube, e, como bom amador que tinha de cuidar da vida, parou depois de ser goleiro da seleção que ganhou o Campeonato Sulamericano e a Copa Roca de 1919. Depois do futebol, sempre necessitando atividade física, jogou muito volley e, depois, golf.

Já casados, Anna Amélia foi coroada “Rainha dos Estudantes”, título oco anualmente concedido a uma “poetisa”, mas para ela foi diferente: sempre preocupada com problemas sociais, entregou-se de corpo e alma à tarefa de, com o auxílio de Paschoal Carlos Magno, Paulo Celso Almeida Moutinho, e outros, fundar a Casa do Estudante do Brasil. Quando não existia nenhum tipo de apoio ou auxílio por parte do governo, ela começou pelo mais simples: conseguia que amigos flexibilizassem horários para o estudante trabalhar mas não perder aula, depois conseguiu serviços médicos e odontológicos, mais tarde criou o primeiro restaurante barato para estudantes, e mais, e mais, e mais. Publicou mais livros, mas eu só sinto que a Casa do Estudante do Brasil lhe tenha tirado tanto tempo da poesia, que foi ficando quase abandonada. Foi das primeiras mulheres a dirigir um carro no Rio, escreveu para jornais, e, quando isso ainda não era moda, era apaixonada por antiguidades, em especial as brasileiras.

Já o marido, por seu lado, fora do trabalho só tinha uma grande paixão, a História do Brasil, e esses dois interesses do casal formava na realidade um todo, pois para ela as antiguidades eram uma espécie de história viva. Os dois adoravam viajar, pelo Brasil e por outros países, e de suas viagens voltavam sempre mais ricos de informação e compreensão, com o que nós, os filhos nos beneficiávamos, ouvindo o que contavam e vendo o que fotografavam.

Foi assim, de forma simples e amorosa, que da Mãe eu herdei meu interesse pelas artes, e do Pai a minha paixão pelo esporte.

7 de abril de 2004
Barbara Heliodora